

UMA DÍVIDA JAMAIS PAGA

JUREMIR MACHADO DA SILVA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL - PUCRS
PORTO ALEGRE

Abstract – The present paper investigates Brazil's debt owed to black descendants, whose ancestors suffered slavery, and the literature by black authors living in a country in which racial discrimination is the norm. The trajectories and works of three rising authors are examined in the media: Jeferson Tenório, José Falero, Itamar Vieira Júnior, and Luiz Maurício Azevedo.

Keywords: slavery, Brazil, racism, Brazilian literature

1 Dívida histórica

Joaquim Nabuco, talvez o mais brilhante dos abolicionistas brancos que o Brasil teve, definiu com rara precisão a importância do trabalho dos negros na construção da riqueza nacional ao longo dos mais de três séculos de escravidão, o que só acabaria no limiar do século XX, no domingo, 13 de maio de 1888, com a votação e sanção da chamada Lei Áurea. Em *O abolicionismo* Nabuco disse tudo o que outros calavam:

Tudo o que significa luta do homem com a natureza, conquista do solo para a habitação e cultura, estradas e edifícios, canaviais e cafezais, a casa do senhor e a senzala dos escravos, igrejas e escolas, alfândegas e correios, telégrafos e caminhos de ferro, academias e hospitais, tudo, absolutamente tudo que existe no país, como resultado do trabalho manual, como emprego de capital, como acumulação de riqueza, não passa de uma doação gratuita da raça que trabalha à que faz trabalhar. (2000, p. 15)

As frases são fortes e luminosas. O enfoque é direto e contundente. O autor detestava dissimulações e não temia se expressar enfaticamente. Militante branco pela abolição da escravatura negra, sentia que era chegada a hora de apertar o cerco aos escravistas e de usar a artilharia pesada de argumentos contra o que entendia ser a mais infame das instituições. Não satisfeito de ter jogado a verdade passada na cara dos seus contemporâneos, Joaquim Nabuco tratou também de indicar a tarefa futura, aquela que a sociedade tentaria ignorar por um século, antecipando uma realidade que teima em se perpetuar como uma chaga bem visível:

Essa obra – de reparação, vergonha ou arrependimento, como a queiram chamar – de emancipação dos atuais escravos e seus filhos é apenas a tarefa imediata do abolicionismo. Além dessa, há outra maior, a do futuro: a de apagar todos os efeitos de um regime que, há três séculos, é uma escola de desmoralização e inércia, de servilismo e irresponsabilidade para a casta dos senhores, e que fez do Brasil o Paraguai da escravidão. (2000, p. 3)

A reparação real e cristalina, porém, ainda não veio. A política de cotas raciais já produz efeitos benéficos, mas ainda encontra muita contestação. São duas as normas legais principais que regem as cotas no Brasil: a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, que regulamenta o acesso a universidades, e a Lei nº 12.990, de 9 de junho de 2014, que se refere a concursos públicos federais. O país tem de 54% a 56,10% da população autodeclarada negra ou parda

conforme os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)¹. Se o número de negros nas universidades aumentou significativamente, o mesmo não se dá nas câmaras de vereadores, na Câmara dos Deputados, no Senado, nas prefeituras municipais, no Supremo Tribunal Federal, onde atualmente nenhum ministro é negro, e nos diversos postos de decisão mais importantes da nação². Há fartura de reportagens e de literatura atualmente sobre o assunto.

Para compreender o presente é preciso revisitar o passado brasileiro de construção do imaginário racista que domina o país com uma dimensão própria. Joaquim Nabuco pode ser considerado o maior intelectual brasileiro de todos os tempos por ter compreendido o funcionamento do Brasil muito cedo. Enfrentou, na violência do século XIX, a sua época e a sua condição social privilegiada sem desistir da luta ao lado dos escravos. E ao lado dos ingleses quando estes adotaram medidas contra a soberania brasileira para impedir a continuação do tráfico, o que estava fixado em lei, jamais cumprida, desde 1831. Contrariando o patriotismo de conveniência, Nabuco expôs-se: Ele não deixou, porém, de censurar a Inglaterra por não ter tido a mesma firmeza com os Estados Unidos.

Nabuco revoltou-se também contra o pragmatismo de Eusébio de Queirós, o ministro da Justiça cujo nome batiza a lei de 1850 que, finalmente, liquidou o tráfico de negros para o Brasil. Queirós propôs impedir a entrada de novos escravos, mas anistiando infrações a descumprindo a lei anterior. Velho Brasil de idas e vindas. Faz-se a lei, descumpre-se a lei, pede-se anistia para os descumpridores. Nabuco mostrou que os financiadores do tráfico de escravos tornaram-se proprietários das fazendas dos devedores que não puderam pagá-los e beneficiaram-se duplamente do contrabando praticado sob os olhos de autoridades e em nome de um sistema que não mudar sua dinâmica. Nabuco muito mais: “Pensem que até hoje esses infelizes estão esperando do arrependimento honesto do Brasil a reparação do crime praticado contra eles” (2000, pp. 76-77).

As sucessivas anistias dispensam o arrependimento e impedem o acerto de contas. O Brasil nunca teve pressa de acertar as suas contas com o passado. Inventou-se que não havia racismo, mitificou-se uma falsa democracia racial, criou-se uma narrativa da convivência pacífica num paraíso tropical. Nabuco observou com a sua retórica de polemista que as coisas eram muito diferentes e se faria um dia notar: “A reparação não começou ainda. No processo do Brasil, um milhão de testemunhas hão de levantar-se contra nós, dos sertões da África, do fundo do oceano, dos barracões da praia, dos cemitérios das fazendas...” (2000, p. 77).

Parece que o tempo do acerto de contas chegou. Se, no plano da história, obras de Daniel Aarão Reis Filho (2000), João José Reis e Eduardo Silva (1989) e Silva (2017) sintetizam os grandes problemas do passado, o cenário atual é dissecado por autores negros em evidência, entre os quais Djamila Ribeiro (2019) e Sílvio Almeida (2019). A lista obviamente pode ser enriquecida com uma série de nomes importantes. O par negritude/branquitude incendeia os debates intelectuais no país. Neste texto, contudo, será discutida a questão do negro como autor na literatura brasileira. Se o grande escritor brasileiro é Machado de Assis, conforme um quase consenso de especialistas, um negro de pele clara, tendo sido um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, a literatura nacional de autoria negra tem sido amplamente marginalizada ao longo do tempo, ainda que escritores negros como Lima Barreto (1881-1922) tenham produzido obra de destaque e não possam ser ignorados nos manuais de literatura.

Há algo de novo no ar neste ano da pandemia. Qual é, porém, a dimensão dessa

¹ Para uma síntese da situação ver: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/11/20/consciencia-negra-numeros-brasil/>

² Ver: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/11/18/brasil-tem-mais-negros-eleit-os-mas-sub-representacao-permane-ce>

novidade? Uma mudança de mentalidade? Uma reforma de pensamento? Uma nova sensibilidade social? Um novo imaginário? O racismo estrutural que permeia a sociedade brasileira está sendo transformado de dentro? Antigas narrativas já não convencem. A própria ideia de mestiçagem, vista durante algum tempo como uma vitória sobre a separação racial, passa a ser criticada como um ardil para esconder o racismo com toda a sua violência simbólica e material. Para entender melhor tudo isso talvez o caminho mais adequado seja o de dar a palavra a quem pode falar com a experiência de ser negro e de lutar para abrir espaços de visibilidade na complexa rede de encobrimento racial que caracteriza a cultura brasileira. Se há mudança em curso, qual é o grau dessa mutação? As advertências de Joaquim Nabuco encontraram, enfim, resposta e solução?

2 Histórias negras, páginas brancas

“A história da literatura do Brasil, país historicamente de maioria negra, é a história da autoria do homem branco”, afirma Conceição Evaristo, a mais emblemática escritora brasileira negra atual. Nascida e criada numa favela, em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, onde a escravidão estivesse associada à extração de minerais preciosos e depois ao cultivo de café, ela venceu obstáculos incontáveis, alcançou um doutorado em Letras pela Universidade Federal Fluminense e concorreu à Academia Brasileira de Letras, não tendo sido eleita. Em entrevista para o Caderno de Sábado, suplemento do jornal Correio do Povo, de Porto Alegre, Conceição Evaristo detalhou essa predominância da narrativa branca:

Embora tenhamos grandes escritores negros, é uma história muito marcada por uma autoria branca e de homens. As mulheres escritoras entram na cena literária brasileira no modernismo. Basta pensar em escritoras como Rachel de Queiroz e Cecília Meireles. Outras mulheres, estão aí vivas, como Lygia Fagundes Telles. É, porém, uma cena ainda marcada pela autoria de mulheres brancas. As negras vão ganhar uma visibilidade muito recentemente. A minha visibilidade acaba sendo exemplar, enquanto outras escritoras negras, que publicam, não têm essa mesma visibilidade. Não é só na literatura. Em todos os espaços da sociedade brasileira nós vamos ter um ou dois negros chamando a atenção. Isso cria a ilusão de uma maior consciência. No jornalismo, dá para apontar alguns negros. A maioria é branca. Na política, há um ou outro senador negro. Um ou outro juiz negro³.

Essa realidade incontestável permaneceu “naturalizada” até pouco tempo. Parecia normal que assim fosse. Exemplos de ascensão de negros – um ministro negro do Supremo Tribunal Federal, Joaquim Barbosa, um governador negro do Rio Grande do Sul, Alceu Collares – eram dados como provas da inexistência de racismo. A exclusão era tratada como questão de mérito individual. Conceição Evaristo mostra que não só os autores das grandes obras literárias brasileiras são predominantemente homens brancos, mas também os personagens não brancos das suas histórias passam por redução a condição de estereótipos. Ocupam lugares marginais e podem ser amputados até mesmo da linguagem e poder de expressão, reduzidos ao mínimo vital.

Tem um livro da literatura brasileira que eu gosto intensamente, um dos livros mais bonitos que já li, pois traz uma reflexão muito interessante sobre o que é a escrita: “São Bernardo”, do Graciliano Ramos. Gosto muito dessa obra. Nela, fica explícita o papel da escrita, essa introspecção do sujeito que escreve. A escrita pede uma introspecção muito grande. O personagem principal, Paulo Honório, passa a revisar a vida dele, inclusive a

³ Entrevista concedida a Juremir Machado da Solva. Publicada em 10 de abril de 2021. Caderno de Sábado, Correio do Povo, p. 4-5.

relação com a mulher, quando resolve escrever a própria vida. Esse movimento é muito bonito. Ao escrever a própria vida ele se analisa. Só que tem um personagem ali que é o estereótipo de negro impressionante, o Cassimiro, o empregado de Paulo Honório. Cassimiro não fala. A narrativa diz assim que o Cassimiro não fala. Quando ele está feliz a única coisa que consegue fazer é aboiar. É aquele som que o boiadeiro tira do chifre do boi para juntar a manada. Paulo Honório tem um filho que não corresponde à expectativa dele. Ele queria um menino mais forte, mais viril, mais dinâmico. O menininho é ligado à mãe, bem fraquinho, coisa e tal. A única pessoa que entende o menino é o Cassimiro. O que se vê é a infantilização do negro. O Cassimiro é tão frágil e tem uma inteligência tão rasteira quanto o garoto. Várias vezes a narrativa fala que o Cassimiro é como um cão de guarda. Essa ausência de linguagem me chama muito a atenção. Em “Vidas secas” o Fabiano fica encantado com a fala do Soldado Amarelo e a imita. Vemos esse Fabiano pelo menos como sujeito desejante de linguagem. O Cassimiro, não. Nem isso ele é. Ora, a gente pensa que o que diferencia o sujeito do animal é justamente o dom da linguagem. Quando se constrói um personagem que aboia, é um cão feroz, é o único que está par a par com a mentalidade da criança, infantiliza-se esse sujeito, tira-se a sua capacidade de linguagem. No imaginário brasileiro correu durante muito tempo que negro não aprendia língua de branco. O colonizador ao chegar na África classifica todas as línguas africanas como dialeto. Não imagina que existissem formas de linguagem com estruturas próprias. Falar da construção desse imaginário não me impede de gostar de “São Bernardo”.

Personagens brancos são construídos com alta complexidade psicológica. Personagens negros são reduzidos a traço de caricatura, como se o escritor se dispensasse de aprofundá-los, limitando-se a desenhá-los de maneira plana. Não têm profundidade nem contradições. São lisos. Outro exemplo dado por Conceição Evaristo diz respeito a uma das personagens mais conhecidas internacionalmente da literatura brasileira: Gabriela, cravo e canela, criatura do romancista consagrado Jorge Amado, figura conhecida de muita gente por meio de filmes e da televisão:

Jorge Amado teve o mérito de ser o primeiro talvez a colocar no texto literário o negro como sujeito histórico a partir de movimentos de greves liderados por negros. Mas Gabriela, cravo e canela é simplesmente aquela mulher natureza. É uma personagem mestiça, que podemos dizer negra, uma mulher que sabe fazer comida e que se confunde com o próprio objeto, pois Gabriela é uma mulher para ser comida.

As falas de Conceição Evaristo não exigem explicação, ou seja, são autoexplicativas. Comunicam por si mesmas. Gabriela é estereotipada como mulher sensual. Mesmo que aos olhos de muitos a sua descrição soe positiva, ela é mostrada como objeto, bicho erótico, instinto e carne exposta. Quando a interpretação dos clássicos encontra novos sujeitos interpretantes, a leitura é alterada: o escondido vem à tona. Recusada na Academia Brasileira de Letras, dominada por homens brancos, Conceição Evaristo é muito conhecida no país, embora não seja publicada pelas grandes editoras nacionais como Cia das Letras e Todavia, as quais passaram a editar jovens autores negros como Itamar Vieira Júnior (Todavia), José Falero (Todavia) e Jeferson Tenório (Cia das Letras).

Para os homens ainda é um pouco mais fácil nesse campo. O homem negro brasileiro, em determinadas situações, equipara-se ao branco na hora de exercer o machismo. Depois disso, tem uma situação não privilegiada. Basta sair com um homem negro. Se a polícia parar as pessoas, o primeiro a ter de mostrar documentos será o homem negro. Entre um homem branco e um negro, o negro é sempre o suspeito. Em algumas funções, porém, o homem negro tem um pouco mais de facilidade que as mulheres negras. Conheço Tenório e Itamar. Afirmando a posição deles como escritores. Mas para os homens continua sendo um pouco mais fácil do que para as mulheres. Temos uma escritora que está fazendo muito sucesso no Rio de Janeiro, Eliana Alves Cruz. Cidinha da Silva ganhou no ano passado o

prêmio da Biblioteca Nacional. Essas mulheres são menos visíveis do que os homens. O trabalho delas é muito menos veiculado embora elas estejam par a par com eles.

O Brasil literário e social materializa-se perfeitamente na análise de Conceição Evaristo. Ela tem obra para figurar nas grandes máquinas editoriais. O que falta? Superar o machismo? Mostrar um potencial de venda convincente? Não se trata de jogar mulheres negras contra homens negros na conquista de espaço em editoras brancas. Djamila Ribeiro, autora negra muito em voga no Brasil, publica pela poderosa Cia das Letras. O ponto em questão é o entendimento de como funciona a pirâmide social brasileira: no topo, o homem branco; depois, a mulher branca; em seguida, o homem negro; por fim, a mulher negra. Essa disposição vai dos salários aos lugares nas hierarquias de prestígio e de reconhecimento de méritos.

3 Quatro universos literários

Na música popular e no futebol negros ocupam lugar de destaque. Poucos negros, porém, presidem clubes de futebol no Brasil. Estrelas nos gramados, eles são minoria quando se trata de treinar os times da primeira divisão. Na literatura, a marginalização tem sido a regra. Uma saída cada vez mais usada é a criação de editoras independentes, como a Figura de Linguagem, de Porto Alegre, comandada por Luiz Maurício Azevedo e Fernanda Bastos, para editar obras escritas por negros ou sobre temas da negritude. Se a exclusão persiste, os sinais de mudança na sensibilidade são visíveis e exigem análise para compreensão do quadro atual do racismo no Brasil. É o que se dá com o sucesso editorial de alguns jovens escritores negros.

Itamar Vieira Júnior nasceu na Bahia (Salvador, 1979). Jeferson Tenório é carioca (Rio de Janeiro, 1977), mas vive em Porto Alegre, assim como o paranaense Luiz Maurício Azevedo (Cascavel, 1980) e o gaúcho José Falero (Porto Alegre, 1977). Em relação a Conceição Evaristo (Belo Horizonte, 1946), eles formam uma novíssima geração de autores. O foco, contudo, é o mesmo: a condição do negro na sociedade brasileira. Com “Torto Arado”, Itamar ganhou os prêmios Leya (Portugal, 2018), Jabuti (Brasil, 2020) e Oceanos (2020). Conquistou os troféus mais importantes do seu campo de atuação artístico. Tornou-se, em pouco tempo, um nome de peso, já tendo vendido mais de cem mil exemplares do seu livro só no Brasil, o que normalmente acontece apenas com livros de autoajuda ou esoterismo. A narrativa do seu romance está centrada em mulheres negras:

Sempre me perguntam: por que personagens mulheres? Como narrar a partir desse lugar? Quando submeti o livro ao Prêmio Leya, eu que não sabia o que fazer e não conhecia editores, adotei um pseudônimo neutro. Concorre-se de forma anônima. Queria que o meu gênero não importasse na avaliação da obra. O júri ficou com a dúvida até o final. Decidiram qual era o livro vencedor e depois, quando abriram o envelope, ficaram sabendo o gênero do autor. A literatura é esse lugar da alteridade. A gente vive a vida do outro⁴.

Essa é uma polêmica em curso: ainda é possível se colocar no lugar do outro para narrar: negro no lugar de branco, branco no lugar de negro, mulher no lugar de homem, homem no lugar de mulher? Para Itamar, fazer ficção é ter essa liberdade, desfrutar dessa autonomia, explorar o que não se é. As irmãs Bibiana e Belonísia, personagens do livro, vivem em condição análoga à escravidão no mundo rural do nordeste do Brasil. Por causa de um acidente na infância, uma delas perde a língua. Essa imagem diz tudo o que a obra sugere como problema a ser enfrentado. Dar voz a quem não tem poder de fala ou interpretar universos com poder próprio de expressão. A literatura de Itamar Vieira Júnior arrebitou os diques:

⁴ Entrevista a Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Correio do Povo, 23 de setembro de 2020, p. 2.

Eu acho que a gente vive um momento muito importante, de transformações na sociedade. A gente já tinha algum espaço nas pequenas editoras. Foi assim com a Conceição Evaristo, Eliana Alves Cruz. As grandes editoras, que fazem o livro circular e dão certo destaque, também estão se abrindo para isso. No Rio Grande do Sul temos o José Falero, com “Os supridores”, o Jeferson Tenório, com “O avesso da pele”. Estamos fazendo nossa literatura circular.

Como cada um desses autores citados vê a transformação cultural que os envolve? José Falero vive na periferia de Porto Alegre. Está completando o ensino médio a distância. A sua literatura tem algo de explosivo, com uma linguagem acelerada e atenta aos falares do seu mundo dos subúrbios. Em entrevista ao Caderno de Sábado do Correio do Povo ele explica sem qualquer ingenuidade o interesse das grandes editoras brasileiras por autores negros, que vê como atendimento a uma demanda represada. Não há espaço para qualquer romantização na sua análise:

Todo fenômeno social depende de vários fatores. Um deles é esse. Isso passa inclusive pela política pública. Vai olhar o perfil da rapaziada que começou a chegar na universidade, por causa da questão das cotas e tal, e isso muda o debate. As pessoas que estão se formando professores trazem esse debate à tona, de questão de gênero, raça, classe. O inédito é como se debate isso agora de forma ampla. Mas tem um fator que é a grana. Tem uma demanda reprimida por esse tipo de literatura. Não são só essas pessoas que já leem, mas também pessoas que não veem muita graça na literatura e que podem ser atraídas por essas obras. Elas pegam esses livros e vão se identificar com a estética da capa, do próprio texto, da linguagem, dos exemplos que acontecem na trama. Tudo isso tem mais a ver com a realidade dessas pessoas. É mais provável que elas se interessem do que se pegarem um livro dentro da tradição da literatura brasileira de branco, classe média publicando. O cara pega o livro e não se identifica com nada. São fatores que contribuem para o que temos⁵.

Fino observador, Falero aprendeu a se libertar da gramática normativa para contar as suas histórias com a força da linguagem das ruas. Luiz Maurício Azevedo tem doutorado em Letras com um período de formação nos Estados Unidos. Articula ficção, ensaio e crítica literária com maestria pós-moderna. Em “Estética e raça: ensaios sobre a literatura negra” (2021), ele questiona onde estão os negros no espaço literário brasileiro. A resposta ácida dá muitas pistas de leitura:

O Brasil não é o país da exclusão, mas da inclusão encarcerada, onde as pessoas nascem com funções sociais predefinidas, e a ninguém é dado o direito de ser medido por aquilo que é (sobre os pobres recaem as impossibilidades de mobilidade social, sobre os ricos as suspeitas de que estão onde estão pelas condições materiais favoráveis e não pelos méritos pessoais). Nos últimos dois casos, o indivíduo sumiu. Somos um país de conjuntos sem unidades. Nada a fazer no campo concreto. Já no campo da literatura, o indivíduo se mantém intacto. Literatura é personagem. E personagem é pessoa, estilo, solidão. Quando o assunto é a literatura produzida sobre (ou pelos) negros, três personagens se destacam: Estela, de Jeferson Tenório; Carolina, de Carolina Maria de Jesus, e Tia Anastácia, do racista Monteiro Lobato. O comum entre os três é que são personagens femininos, esculpidos sob a sombra da insignificância social. (ivi, p. 97)

Três personagens, três autores, três épocas bem diferentes. Como compará-las? Carolina Maria de Jesus (1914-1977) fez do seu desabafo de mulher, negra e pobre uma surpresa impressionante na literatura brasileira: “Quarto de despejo: diário de uma favelada” (1960). O branco Monteiro Lobato (1882-1948) continua sendo o mais clássico autor de livros para

⁵ Entrevista a Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Correio do Povo, 17 de abril de 2021, p. 4-5.

crianças no país. O seu “sítio do pica-pau amarelo” faz parte do imaginário de muitas gerações. Na sua ficção, porém, os personagens negros, como Tio Barnabé e Tia Anastácia, vivem em condição de submissão. Abundam as expressões racistas. O intelectual Monteiro Lobato lamentou em correspondência que o Brasil não tivesse sabido ter a sua *Ku Klux Klan*⁶.

Essas contradições, aceitas em outro momento histórico, geram polêmica atualmente⁷. O que fazer? Perdoar os autores em nome da grandeza das obras? Eliminar expressões racistas? Fazer leitura crítica de modo a não esconder o racismo? Esta alternativa é a defendida por Conceição Evaristo e por muitos ativistas que não estão interessados em censura, mas em contextualização histórica e em combate à reprodução passiva de estereótipos. Jeferson Tenório marca uma nova época literária com o seu “Averso da pele”. Passa-se do depoimento e da omissão para o enfrentamento. Para Azevedo, em entrevista ao Caderno de Sábado do Correio do Povo, o estatuto da liberdade literária mudou: “A possibilidade de eu experimentar o que não sou, de usar a literatura para mostrar o novo mundo, já não está mais disponível”⁸. Perde-se ou ganha-se com isso?

Vê-se que não há consenso entre os autores estudados aqui. Trata-se de uma leitura em construção e de uma visão de mundo afetada por novos olhares e possibilidades. Tenório marca a sua posição intelectual e autoral ao analisar ele mesmo o livro que escreveu e que o tornou um dos principais nomes literários do país no ano da pandemia, o terrível 2020 de todos os temores, de todas as incertezas e de tantas perdas humanas:

Eu quis fazer ali uma construção de como esse racismo recreativo acontece de uma maneira muito natural com as pessoas negras. Também fiz questão de colocar isso no primeiro capítulo, que se chama “A pele”, justamente para que o leitor já tivesse acesso a esse tipo de discussão para que logo adiante ele passasse por essa epiderme da pele e chegasse então no avesso, que é o que eu de fato queria discutir. Primeiro é mostrar mais explicitamente esse racismo. No segundo capítulo as coisas já se tornam mais subjetivas e foge mais da temática racial, indo mais para as relações humanas⁹.

O tema da ficção propõe-se a abraçar as controvérsias da realidade sem as dissimular. O autor assume-se como intelectual engajado no debate sobre os preconceitos e discriminações. A literatura quer contribuir para mudar o imaginário social. Não se trata de compreender o vivido nem de apenas usá-lo como material para a arte. A ideia parece ser a de fazer arte ajudando a remodelar a realidade que machuca. As editoras perceberam a força desse nicho. O livro de Tenório deve virar filme na Netflix. O século XIX encontra no século XXI o eco que alguns desejavam produzir.

4 Considerações finais

Uma geração de escritores negros conquista lugar em grandes editoras brasileiras. A situação reflete uma mudança de mentalidade e também uma oportunidade comercial não admitida explicitamente. Os principais livros dessa safra literária apresentam grande qualidade formal e temáticas vinculadas ao racismo e à relação entre brancos e negros num país de profundas desigualdades, onde a cor da pele ainda é fator de classificação com desvantagem para os não brancos. A literatura brasileira, enfim, começa a reconhecer a diversidade das suas vozes.

⁶ Ver <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/01/29/devemos-editar-os-termos-racistas-nas-obras-de-monteiro-lobato.htm>

⁷ Ver <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/02/racismo-delirante-e-tratamento-grotesco-monteiro-lobato-merece-respeito.shtml>

⁸ Entrevista a Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Correio do Povo, 6 de fevereiro de 2021, p. 4-5.

⁹ Entrevista a Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Correio do Povo, 10 de outubro de 2020, p. 2.

Esse reconhecimento, porém, não implica uma mudança imediata no cotidiano das pessoas. A discriminação não arrefece pelo simples fato de alguém conquistar visibilidade e fama. Nos espaços de consagração, pode haver uma mudança de comportamento, ou uma dissimulação de preconceitos arraigados, mas nos espaços sociais amplos a tendência é tudo permanecer igual, salvo para quem alcança um elevadíssimo grau de celebridade. A sociedade brasileira cruza diferentes aspectos para estabelecer as suas hierarquias de distinção. Por trás da aparente facilidade de relacionamento entre diferentes ainda reina a avaliação pela aparência. Conceição Evaristo que, aplaudida num evento literário, continua sendo observada por seguranças quando passeia num shopping center. A mudança de mentalidade está em curso. Ainda haverá muita luta até cristalizá-la.

A consagração não abole o racismo. Conceição Evaristo resume a sua mudança de status com uma resposta que pode produzir perplexidade em quem não esteja familiarizado com as hipocrisias da sociedade brasileira:

Quando o Itaú Cultural me homenageou, um jornal de São Paulo fez uma manchete mais ou menos assim: Conceição Evaristo no centro da economia brasileira. Foi bem ali na Avenida Paulista. Uma mulher negra, favelada e tal no maior centro financeiro da América Latina. As pessoas ficavam encantadas com a exposição, que foi muito bonita. Uma jornalista me fez essa mesma pergunta. Eu falei, foi eu sair do espaço da exposição, entrar em um shopping, ali mesmo na avenida Paulista, que o tempo todo um segurança me seguia. Em certas situações, onde não me conhecem, o que veem? Uma pessoa negra, que é sempre suspeita. Homens e mulheres negros estão sempre em situação de suspeição. O homem mais ainda. O fato de eu ser escritora e ter um doutorado não me deixa imune ao racismo brasileiro. Digo mais: há muito que tenho oportunidade de viajar para seminários, para lá e para cá, com escritores e escritoras já conhecidos. Alguns desses escritores e escritoras, estando no mesmo espaço, no mesmo hotel, nunca me viram. Passaram a me cumprimentar depois que ganhei o prêmio Jabuti. Foi preciso ganhar o prêmio para que meus confrades acreditassem que estavam diante da escritora negra. No mais, era uma mulher que estava ali com eles sem que nem soubessem por quê. Alguns passaram até fazer pose, quando havia leitores, pedindo para tirar foto comigo. Que sociedade é essa? Quando a gente fala parece mimimi.

Os milhões citados por Joaquim Nabuco levantam-se. O racismo estrutural resiste. Séculos de preconceito não cedem tão facilmente.

Bionota Juremir Machado da Silva was born in Santana do Livramento, RS, on 29 January 1962. He is a professor at Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, where he coordinated the Graduate Program in Social Communication from 2003 to 2014. He graduated in History and Journalism from PUCRS (1984), and holds a PhD in Sociology from the University Paris V, René Descartes, Sorbonne (1995). He is a CNPq researcher and completed his postgraduate studies in 1998, in France. From 1993 to 1995, he was European correspondent for Zero Hora, based in Paris, and he is currently columnist for Correio do Povo. For ten years, he presented with Taline Oppitz a radio programme called Esfera Pública, on Rádio Guaíba. In 2008, he was named Chevalier de l'Ordre des Palmes Académiques by the French government. He translated 25 books from French into Portuguese. He is also a novelist, poet, and essayist. He has published 39 books, among which we find the novel "Acordei negro" (Sulina, 2019) and "A memória e o guardião: em comunicação com o presidente da República: relação, influência, reciprocidade e conspiração no governo João Goulart" (Civilização Brasileira, 2020).

Recapito dell'autore: juremir@puers.br

Referências

- ALMEIDA, Sílvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.
- AZEVEDO, Luiz Maurício. *Estética e raça: ensaios sobre a literatura negra*. Porto Alegre: Sulina, 2021.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Pallas, 2020.
- FALERO, José. *Os supridores*. São Paulo: Todavia, 2020.
- NABUCO, Joaquim. *O abolicionismo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2000.
- REIS FILHO, Daniel Aarão (org.). *Intelectuais, história e política (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.
- REIS, João José; SILVA, Eduardo. *Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- RIBEIRO, Djamilá. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Cia das Letras, 2019.^[1]_[5EP]
- SILVA, JUREMIR Machado. *Raízes do conservadorismo brasileiro: a abolição no imaginário social e na imprensa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- TENÓRIO, Jeferson. *O avesso da pele*. São Paulo: Cia das Letras, 2020.
- VIEIRA Jr., Itamar. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019.

Sugestões de leitura

- CONRAD, Robert. Os últimos anos da escravidão no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade de classes. São Paulo: Editora Globo, 2008.
- FLORENTINO, Manolo. Em costas negras: uma história do tráfico entre a África e o Rio de Janeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- FRANCO, Maria Sylvania de Carvalho. Homens livres na ordem escravocrata. São Paulo: Unesp, 1997.
- FREITAS, Décio. O escravismo brasileiro. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- ID. Escravos e senhores de escravos. Porto Alegre: Escola Superior São Lourenço de Brindes/Universidade de Caxias do Sul, 1977.
- ID. Insurreições escravas. Porto Alegre: Movimento, 1975.
- ID. Palmares, a guerrilha dos escravos. Porto Alegre: Movimento, 1971.
- FREYRE, Gilberto. Casa-grande & senzala. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.
- ID. O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX. São Paulo: Nacional, 1979.
- ID. Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- MOTT, Maria Lúcia. Submissão e resistência: a mulher na luta contra a escravidão. São Paulo: Contexto, 1988.
- QUEIRÓZ, Suely Robles Reis de. A abolição da escravidão. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- ID. Escravidão negra em São Paulo: um estudo das tensões provocadas pelo escravismo no século XIX. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.